



v14, n2, 2017
Maio-Agosto
Varia

O PESSOAL NA VIDA PÚBLICA: O QUE HÁ ENTRE GILBERTO FREYE E SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA [THE PERSONAL IN THE PUBLIC LIFE: WHAT EXIST BETWEEN GILBERTO FREYRE E SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA]

David Barroso de Oliveira

Doutorando em Filosofia pela
Universidade Federal do Ceará - UFC
E-mail: davidbarrosoo@gmail.com

RESUMO ABSTRACT

A ética e a política são dimensões da vida humana centrais para a cultura ocidental contemporânea que pressupõem alguma concepção antropológica. Neste estudo, investigamos qual o sentido antropológico das teorias sociológicas de Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda. O antagonismo que se dá torna ambivalente a primazia das relações interpessoais na sociedade. Porém, a positividade do pessoal na vida pública corresponde ao sentido antropológico para se pensar uma ética que seja referência para se pensar a política.

Ethics and politics are dimensions of human life central to contemporary western culture which presuppose an anthropological conception. In this study, we investigate the anthropological meaning of the sociological theories of Gilberto Freyre and Sérgio Buarque de Holanda. There is an antagonism that makes the primacy of interpersonal relations in society ambivalent. However, the positivity of the personal in the public life corresponds to the anthropological meaning to think an ethics as reference to think a politics.

PALAVRAS-CHAVE KEYWORDS

Sociologia; História; Filosofia

Sociology; History; Philosophy

Introdução

A ética, como teoria do agir pessoal, e a política, como teoria da vida pública, são dimensões da vida humana centrais para a cultura ocidental contemporânea. A filosofia retoma origens e radicaliza interpretações, rompe ou mantém tradições, a fim de compreender modos de vida particulares sob um modo de ver o mundo universal, para propor uma organização da vida pessoal e coletiva a partir do debate sobre seus critérios. A justificação filosófica de propostas éticas e políticas pressupõe alguma concepção antropológica, pois procura legitimar uma visão de mundo interrelacionada com um modo de vida na sociedade, seja pela transcendência ou pela imanência, seja pelo universalismo ou pelo particularismo. Ainda assim, há casos reais cujos problemas estão irresolutos, devido a uma determinada perspectiva filosófica em relação ao que se estabelece entre o cotidiano das pessoas e a organização social.

Para esses casos, ensejamos pensar a ética e a política na realidade de seus problemas ainda não resolvidos. Como exemplo disso, apresentamos a obra cujo autor diz ser um “escrito de amor” e pede para chamá-lo de “Viagem ao Brasil”. Em *Hello Brasil!* (1991), Contardo Calligaris interpreta a dinâmica de uma sociedade, através de uma exclusão interna na pertença topológica, que estabelece um conflito entre duas figuras retóricas, enquanto posições subjetivas, em relação ao seu significante nacional. Por este significante não exercer sua função simbólica de traço identificatório - decorrência histórica da nação -, não se funda uma filiação nacional que una os outros, as diferenças em sociedade. Vive-se em conflito existencial pois, na constituição do sujeito, não há lugares possíveis de enunciação que não expressem, nas práticas discursivas e não discursivas de cada um, uma ambiguidade representada pelas posições subjetivas do colono e do colonizador.

O tratamento dessas posições subjetivas segue a psicanálise lacaniana. O colonizador é aquele que exerce sua potência paterna quando impõe sua língua a uma nova terra e que, por isto, é o verdadeiro explorador de um corpo não proibido, gozado e esgotado. O colonizador também é tristemente fracassado, pela saudade mortificante de saber que o corpo que ele faz gozar não goza como deveria, pois o único corpo que vale fazer gozar e que goza devidamente é o interditado corpo da mãe pátria. Assim, longe da interdição do pai, a exploração multiplica-se duplamente insatisfeita, por a função paterna não ser exercida plenamente e, em efeito, não ser possível deixar de colonizar um corpo outro na ilusão de gozar o corpo materno.

O colono não é um colonizador atrasado, é aquele que abandona o corpo materno em busca do reconhecimento simbólico e jurídico proporcionado apenas pelo regulamento de um novo pai. O pedido do colono é o contrário do pedido do colonizador, pois este quer o gozo pleno com outros corpos e aquele quer o gozo parcial com outro corpo materno. O colono quer ser adotado como filho enquanto o colonizador não se assume como pai. A esperança do colono é dispor de um lugar, a partir do qual se constitui sujeito, para ser assujeitado em uma sociedade que lhe outorgue cidadania. Assim, sem a interdição do pai, o colono frustra-se duplamente, com sua função simbólica de filho não exercida



devidamente e, por não gozar com um corpo materno, ao se reconhecer no modelo de paternidade daquele que goza como um pai, mas um pai explorador de corpos.

O colonizador é um conquistador e o colono um bastardo. O conflito que há entre colono e colonizador é relativo à decepção definitiva implicada do fracasso da função do significante nacional na sociedade. Contardo Calligaris (1991, p. 21. Grifo do autor) concebe este fracasso com o problema de umtegração: “o país não soube ser pai, o *um* nacional não conseguiu assujeitar o colono”. Com esse diagnóstico, a frustração do sujeito é proporcional ao fracasso das instituições simbólicas que antes é um fracasso cultural. E apenas do investimento cultural, para “a milagrosa invenção de uma instância simbólica verdadeira” (*Ibidem*. p. 67), dar-se-ia um traço identificatório outro que não o proposto pelo colonizador. Todavia, o que o autor constata é a exaltação da singularidade, a relevância na troca de favores e da amizade na constituição do sujeito, a marca da violência direta e do gozo sem limites.

É o eterno retorno do frustrado pelo fracasso da normatização, da institucionalização da vida, por práticas discursivas e não discursivas eficazes o suficiente para a construção simbólica de uma identidade cultural própria. A cultura fracassa no ato de seu nascimento. Nesse círculo vicioso de fracasso e frustração, a tragédia inscreve um modo de vida com “um cinismo radical relativamente à autoridade. Uma espécie de impossibilidade de levar a sério as instâncias simbólicas” (CALLIGARIS, 1991, p. 30), que supervaloriza a singularidade do sujeito em sua ilusão de gozar o e no corpo materno. O poder do gozar emana da ambiguidade subjetiva de colono-colonizador e escreve cotidianamente um modo de vida conflitivo com o modo de organização da sociedade.

Contardo Calligaris, não apenas elabora e analisa os traços psicológicos das pessoas em uma sociedade, como também exemplifica a abordagem com narrativas sobre situações vividas durante sua estadia nesta sociedade. Viagens ao Brasil confia uma psicologia social cheia de relatos de experiências antropológicas, nas quais o conflito existencial ocorre com a ambiguidade subjetiva durante a constituição do sujeito. O conflito existencial do sujeito expressa-se no cotidiano das práticas sociais. A função simbólica do pai que limita o gozo, no interdito das instituições, não é uma referência ideal, está no real contraditório que, para legitimar sua autoridade, tem no exercício do poder a exibição do gozo. Doravante, a vida privada invade e faz função da vida pública. Mas, mesmo com esse fracasso cultural da sociedade, Calligaris declara sua paixão por esta terra, destinada como um corpo feminino a ser amado, em um escrito de amor que também é uma queixa.

Diante dessa interpretação de caso, que exemplifica os conflitos irresolutos de uma sociedade, problematizamos seu fracasso cultural por perspectivas éticas e políticas. Para isso, noutro estudo que tem por referência essa mesma sociedade¹, o problema cultural foi pensado a partir da histórica imbricação das duas esferas básicas da vida, o público e o privado, e suas repercussões ético-políticas na sociedade. De acordo com Fernando

1 Este estudo corresponde à palestra *Veias cordiais: a província e o estrangeiro*, apresentada durante o VIII Encontro Nietzsche-Schopenhauer, entre os dias 23 a 25 de novembro de 2016, pelo APOENA – grupo de estudos Schopenhauer e Nietzsche, na cidade de Fortaleza-CE. Disponível em <http://apoenafilosofia.org/?page_id=4877>. Acesso em 20 abr. 2017.



Novais (1997, p. 16), a imbricação público-privado acontece na indistinção e inversão das duas esferas, cujo efeito apresentou-se na ampliação da esfera privada na vida pública². O cotidiano de exaltação das relações pessoais é depreciado por uma perspectiva política que o considera ilegítimo enquanto aspecto cultural da sociedade. Essa visão política é exógena, estrangeira às pessoas dessa sociedade que em vão tenta organizar. O poder da esfera pública exerce-se sobre as relações interpessoais, das quais é instrumento, e alimenta o conflito entre um modo de vida e um modo de organizar a vida coletiva.

No presente estudo, temos o objetivo de investigar a significação dessa primazia das relações interpessoais na vida pública. Para tanto, tomamos por referência a reciprocidade de duas abordagens paradigmáticas que marcam a fase culturalista de nosso problema: a influência da teoria de Gilberto Freyre na de Sérgio Buarque de Holanda e a influência retrospectiva desta teoria naquela. A teoria freyreana antecipa a análise histórica do cotidiano, ou mesmo um estudo da história íntima, e observa *in locus* a ampliação da esfera privada na sociedade quando apresenta a história social da casa-grande. Já na teoria buarqueana, que se vale do critério tipológico weberiano, essa ênfase da esfera privada é utilizada para privilegiar a esfera pública na conceituação da sociedade.

Ainda que aquela história social apresente-se ultrapassada, a sociedade descrita é caracterizada pela ênfase da esfera privada na vida pública, através dos conceitos de simpatia (G. Freyre) e cordialidade (S. B. de Holanda). O sentido é o mesmo, uma vez considerado o passado histórico, e resume a primazia do pessoal na vida pública, de modo que desvalida a concepção moderna de política atribuída à sociedade. Um exemplo prático disto, a ineficiência normativa de suas instituições. A casa constrange a cidade que por sua vez a constrange. Para Contardo Calligaris (1991, p. 123), como se fosse “a melhor metáfora da rede simbólica que organiza o funcionamento psíquico”, na qual haveria o eterno retorno da pessoalidade ao fracasso da política moderna.

Nessa sociedade, o problema cultural entre a casa e a cidade reside na imbricação público-privado. O que pode ser um fracasso cultural, do ponto de vista político, é do ponto de vista ético a positividade do pessoal na vida pública. Assim, por considerar o fenômeno histórico da cultura, concebemos um sentido antropológico com o qual pensa a ética e a política dessa sociedade. Assim sendo, de acordo com a abordagem de Dante Moreira Leite, da relação e relativização das abordagens e critérios das teorias freyreana e buarqueana, a ambivalência das relações interpessoais na vida pública da sociedade é interpretada na sua positividade em função de um sentido antropológico que justifique um pensamento ético e político para essa sociedade.

2 Ronaldo Vainfas (1997, p. 228) alude a ampliação da esfera privada na vida pública pela “ausência de privacidade no viver”, já que “as condições histórico-sociais do ‘viver em colônias’ (Vilhena) conspirava, pois, contra qualquer privacidade no Brasil dos primeiros séculos. [...] Todos estavam sempre a vigiar mutuamente, murmurando a vida alheia, mexericando o que viam ou ouviam, favorecidos pela escassa privacidade que o historiador apresenta, pela imbricação sagrado-profano, a funcionalização da esfera pública pela ampliação da vida privada da intimidade, ao descrever a “erotização do sagrado ou, de maneira mais ampla, mistura do sagrado com o profano, [...] quer nos prelúdios da conquista e sedução, quer nos domínios dos atos” (VAINFAS, 1997, p. 248/252).



Dante Moreira Leite, em *O caráter nacional do brasileiro* (1976), classifica o modo como se vê o mundo, as teorias como ideologias, e as freyreana e buarqueana relacionadas antagonicamente em vias de superação resolutive para um relativismo ideológico. Cada uma seria relativa a uma época histórica e ambas comporiam uma relação de formas particulares relativas entre si, pois, não se inferindo um valor objetivo puro das teorias, uma teoria comparativa pode ser válida tanto em uma leitura prospectiva quanto em uma retrospectiva. Não haveria exclusividade de um critério de avaliação de todas teorias. Contudo, uma teoria comparativa pode servir de justificativa ideológica para a manutenção de juízos ontológicos e raciais e para a manipulação de interesses políticos e econômicos de grupos. Disto é exemplo, no nacionalismo brasileiro e nas teorias do caráter nacional, a utilização de um critério de avaliação de teorias importadas que marca uma dependência ideológica de teorias políticas exteriores em uma relação de dominação entre ideologias relativas entre si.

Em *Teorias recentes sobre o caráter nacional* (2007), Dante Moreira Leite compreende o período dos fins do século XIX aos princípios do XX como uma época na qual se dá a relativização do nacionalismo com suas teorias do caráter. O primeiro impacto ideológico ocorre nas teorias das raças e da influência climática da geografia com os estudos da psicologia social e da análise de estereótipos. O segundo impacto dá-se com os estudos antropológicos de culturas primitivas. Isto posto, na contemporaneidade, as culturas estão “internamente muito diversificadas e externamente estão em contato umas com as outras” (LEITE, 2007, p. 245), o que proporciona uma certa semelhança entre sociedades diferentes. Apesar dessa superfície cosmopolita, na relativização dos critérios de avaliação, alguns tendem a zero suas influências e outros mantêm-nas atuais em antagonismo ideológico. É o caso das teorias freyreana e da buarqueana, cuja grande influência e perspectiva fazem delas clássicos.

Além do antagonismo relativista, essas duas teorias estão relacionadas a uma época histórica, na qual a justificativa nacionalista, antes de enaltecer um povo, mostra os problemas culturais existentes na sociedade. A influência recíproca entre ambas terminava por fazer oscilar e misturar os modos de ver a imbricação público-privado sem que se encaminhasse uma resolução harmônica entre os conflitos ideológicos. A teoria freyreana enfoca o discurso regionalista da sociedade rural, como fundamento nacionalista de uma sociedade, e argumenta à construção da memória de uma tradição. Enquanto para a teoria buarqueana isto é um entrave, cujas contradições resolvem-se no aniquilamento cultural da tradição ibérico-lusitana, por um discurso nacionalista da sociedade urbana que faz uso de fundamentos políticos anglo-saxões. Gilberto Freyre enaltece a esfera privada, mas Sérgio Buarque de Holanda ressalta-a negativamente para positivar a esfera política que tende a manipular a vida privada

A relativização das teorias freyreana e buarqueana complica a imbricação público-



privado em sua compreensão pois, antes de pôr fim, atualizam-na por uma reverberação ideológica. Ao mesmo tempo que essa atualização reflete os problemas da época também busca respostas na história da cultura. Tanto é que o problema cultural persiste, para uns, como um dado natural ou comum e, para outros, usado instrumentalmente. É nesse sentido que a cordialidade buarqueana toma por herança e inverte o acento da simpatia freyreana. O conceito de cordialidade é o ponto de encontro entre as teorias freyreana e buarqueana, revisto como um elemento de atraso da modernização.

Desse modo, a cordialidade é a representação de um problema cultural mal resolvido que reside na impessoalidade da visão política da ênfase das relações interpessoais. Isso que está subentendido quando se diz cordialidade resolver-se-ia com a *des-imbricação* público-privado, simbolizado na dissolução do antagonismo casa-grande e cidade, com a valoração positiva das relações interpessoais. Em *Raízes do Brasil* (2014), publicada em 1936, Sérgio Buarque de Holanda nomeia cordialidade um traço definido do caráter, criado no ambiente familiar do meio rural e patriarcal e que, por isto, não concebe os valores do individualismo. A cordialidade interpela um modo de vida cujo padrão de convívio pauta-se numa ética de fundo emotivo que suprime as distâncias. Sem um elemento normativo sólido para a consolidação e estabilização de uma sociedade nacional, os princípios normativos não são exercidos, o que há é o triunfo de um personalismo sobre o outro, oriundo da aristocracia rural. Entretanto, os princípios políticos do ideal humanitário devem reger o domínio do urbano, na subordinação do meio rural pela cidade.

Ainda Sérgio Buarque de Holanda, quando termina sua obra com o convite para o ensaio de uma organização política, por meio de teorias de sucesso do estrangeiro, não investiga o problema cultural, ainda que almeje alguma coerência a esse quadro social. Repete-se a imbricação público-privado por fracassar o critério da teoria política importada, e repete-se com efeito duplicado. O poder de influência do critério de avaliação dessa teoria importada atua como ideologia colonizante e atualiza-se na organização da sociedade. A política não considera uma proposta ética porque as instituições e sua normatividade são estruturadas e estruturam de cima sociedade. Diante disso, a teoria buarqueana liga-se a uma modernidade de tradição ocidental que pensa a política a partir das instituições sociais.

O conceito cordialidade ganha notoriedade pública após a publicação de *Casa-grande e senzala* (2006), em 1933³. Nesta obra, Gilberto Freyre realça o caráter gerido no poder das relações interpessoais no sistema econômico, social e político, representado pela casa-grande. Sua grande família da casa-grande exprime o caráter brasileiro, devido à plástica contemporização entre raça e geografia. Seu domínio é herança portuguesa que repousa em instituições patriarcal e escravocrata, que escrevem a história íntima de

3 O primeiro a chamar cordialidade, pelo termo “homem cordial”, Ribeiro Couto redige uma carta redigida, em 1931, e escreve: “o homem ibérico puro seria um erro (classicismo) tão grande como o primitivismo puro (incultura, desconhecimento da marcha do espírito humano em outras idades e outros continentes). É da fusão do homem ibérico com a terra nova e as raças primitivas, que deve sair o ‘sentido americano’ (latino), a raça nova produto de uma cultura e de uma intuição virgem – o Homem Cordial. Nossa América, a meu ver, está dando ao mundo isto: o Homem Cordial” (COUTO *apud* BEZERRA, 2010, p. 29).



um povo. A miscibilidade permite a intimidade entre raças entoando positividade para a miscigenação genética e cultural. Um processo de equilíbrio entre grande variedade de antagonismos, uns em equilíbrio, outros em conflito, que ora amortece ora harmoniza, escreve uma tradição histórica nos corpos, no caráter e na organização de uma sociedade.

O tom enfático da esfera privada excede para a esfera pública na iminência da maior civilização moderna nos trópicos. A teoria freyreana apresenta uma modernidade que pensa a política a partir da tradição da casa-grande. Essa horizontalidade política das relações interpessoais confunde-se com a verticalidade do aristocratismo rural de tal modo que, como uma singularidade social, se dá uma hierarquia sem muitas distâncias. Em *Sobrados e mucambos* (2004), publicado 1936, Gilberto Freyre continua os estudos dos processos de subordinação, acomodação e coerção na formação familiar da casa-grande. Mesmo constatando a decadência da sociedade rural e patriarcal pela urbanização, industrialização e aburguesamento, Gilberto Freyre observa novas relações de subordinação e distanciamento. O processo de equilíbrio de antagonismos, típico da grande família da casa-grande, estende-se à rua com forte influência social. Nessa caracterização, a estabilização da vida social e cultural está no mulato.

Assim expressas as teorias freyreana e buarqueana, a relativização ocorre tanto pela época histórica quanto pela temática. É interessante perceber, pelo menos, as posturas ideológicas distintas que emergem do problema cultural da imbricação público-privado. Como *Raízes do Brasil* manifesta as contradições irresolutas da sociedade resumidas na cordialidade, *Sobrados e mucambos*, publicada em seguida, procede com a estabilização cultural resumida no mulato. Sérgio Buarque de Holanda (2014) observa na tradição da grande família patriarcal a origem do desequilíbrio social pois, com o predomínio de vontades particulares, falta a impessoalidade normativa à constituição do Estado burocrático. Enquanto que, por aquilo que a casa-grande representa, Gilberto Freyre (2004) aponta para a harmonização que tende o choque das diferenças culturais e das distâncias sociais, para qual o mulato é um dos elementos mais dinâmicos de intercomunicação entre raça, mas especialmente entre culturas. O sentido negativo do mulato é representado pelo homem cordial, mas sua diferenciação cultural e racial é o saldo positivo:

A simpatia à brasileira – o homem simpático de que tanto se fala entre nós, o homem “feio, sim, mas simpático” e até “ruim ou safado, é verdade, mas muito simpático”; o “homem cordial” a que se referem Ribeiro Couto e Sérgio Buarque de Holanda – essa simpatia e essa cordialidade, transbordam principalmente no mulato (FREYRE, 2004, p. 790-791).

O que para um é problema, para o outro é solução e o que é atraso, para um, é rapidez para outro. Numa leitura retrospectiva, a visão buarqueana de modernização rejeita uma cultura de tradição rural e patriarcal devido à primazia política do espaço público estar direcionada para a Europa ocidental, sobretudo a de influência anglo-saxã. E numa leitura



prospectiva, a visão freyreana de modernização não nega a influência europeia e anglo-saxã, se conciliada com a ênfase da esfera privada decorrente da raiz cultural ibérica, sobretudo portuguesa. Assim se dão as contradições irresolutas que desvirtuam o avanço moderno do mundo capitalista burguês ou impedem o processo de estabilização dinâmica do mundo aristocrático rural. Pois, se a teoria buarqueana pensa a organização social a partir do Estado burocrático e da economia industrializada, a teoria freyreana pensa um Estado contemporizador de interesses a partir de um tipo de organização social. Ambas teorias são antagonicamente relativas entre si e, por isto, correspondem ao conflito cultural entre as esferas do público e do privado confundido em sua época histórica.

Gilberto Freyre teorizou a vida íntima em um padrão de interrelações sociais, raciais e culturais, para pensar as instituições e leis de uma política que possibilitasse o meio termo entre as esferas público e privado. De outro modo, Sérgio Buarque de Holanda teorizou a política, com a polarização entre o público e o privado, para pensar a postura ética das relações sociais e culturais. Por este, foi apresentado o problema cultural da “distinção fundamental entre os domínios do privado e do público” (HOLANDA, 2014, p. 175), e, por aquele, sua manifestação refletindo “na política, estimulando atritos e rivalidades entre grupos e regiões” (FEYRE, 2004, p. 807).

O ponto de encontro do antagonismo entre as teorias freyreana e buarqueana está no sentido dos conceitos de mulato e de cordialidade que são a constatação teórica problema cultural da imbricação público-privado. Se a primeira teoria tem a ênfase da esfera privada, pensa seu equilíbrio com a esfera pública reabilitando um código cultural aristocrático da grande família rural e patriarcal. E, se a segunda teoria tem a ênfase na esfera pública, pensa sua distinção com a esfera privada importando um código cultural estrangeiro de outras sociedades consideradas mais desenvolvidas. Aquela fracassa por adotar uma visão política já passada e esta por não ter uma visão política própria. Contudo, ambas são relativas entre si, pois são duas teorias contrapostas que procuram justificar críticas e propostas para um mesmo problema. Irresoluto, portanto, a teoria freyreana atualiza a imbricação público-privado por justificar as relações interpessoais nas instituições, e a teoria buarqueana atualiza-a por não impedir o personalismo em meio ao funcionalismo público. Segue o eterno retorno do mulato e do cordial com o fracasso da política.



A ambivalência das relações interpessoais

Relativas entre si, pelo sentido do mulato simpático e do homem cordial, as teorias freyreana e buarqueana incompletam-se pois, vice-versa, a proposta política de uma deslegitima a proposta ética da outra. Ao defenderem descrições distintas da sociedade com uma concepção antropológica em comum, justificam um conflito regional de poder com antagonísticos interesses políticos e econômicos mais do que compreendem o efeito ressonante dos fundamentos de suas principais teses. Além de serem duas abordagens paradigmáticas, as teorias freyreana e buarqueana constroem pela falta a ambivalência

de uma configuração cultural comum que advém da relação entre o iberismo da teoria freyreana e o americanismo da teoria buarqueana, com critérios e abordagens distintos à mesma referência, a moderna visão de mundo e o modo de vida do ocidente. Nesse sentido, a relatividade entre as duas submete-se à perspectiva de como se relacionam com o critério de avaliação de uma teoria etnocêntrica. Com isto, expressa-se uma relação de subordinação ou de dependência a uma ideologia dominante, como se, onde houvesse a falta de interdição ao colono e falta de interdito do colonizador, passasse a existir uma colonização simbólica que antes fizesse existir a figura do colono e do colonizador. A falta é o que relaciona, e a relação promove a falta na ambivalência das teorias freyreana e buarqueana.

A ambivalência está no antagonismo das teorias que relativizam um mesmo problema cultural apresentado pela contraposição de suas propostas éticas e políticas. A ambivalência dá-se através do sentido antropológico do mulato, que exprime “um desenvolvimento ou uma especialização social” (FREYRE, 2004, p. 791), e o da cordialidade, que resume “o desconhecimento de qualquer forma de convívio que não seja ditada por uma ética de fundo emotivo” (HOLANDA, 2014, p. 178). Nesse contexto, a influência do iberismo cultural na abordagem da teoria freyreana faz contramovimento ao americanismo da teoria buarqueana, que por sua vez o é a partir do impessoalismo burguês, e ambas, em relação à mesma sociedade, orientam-se segundo a dominante visão de mundo ocidental. No fundo, encontra-se a negatividade freyreana e a positividade buarqueana ao pensarem uma sociedade sob o prisma dos valores e sentidos da modernidade.

Sendo assim, a antropologia de Gilberto Freyre (2004, p. 806) concebe o homem a partir de predisposições genéticas de raça, condicionadas pelo ambiente que, em relação com a cultura, especializam-se historicamente no domínio social. Na dinâmica dessa vida social e cultural formam-se singularidades que compõem o caráter do indivíduo, de uma sociedade e de um povo. O estudo antropológico dá-se com a história da intimidade em seu aspecto biopsicológico. Nesse caso, a antropologia da intimidade averigua o poder da interrelação casa e família, através da estabilização de antagonismos, para a caracterização da gênese do homem e da sociedade representada no conceito de mulato. A história da intimidade encontra-se com a história social. Então, a ênfase da esfera privada está sobreposta na esfera pública de modo que o pensamento da política deve partir de uma reflexão ética, e esta partir de um estudo antropológico.

O critério positivo na abordagem freyreana da história da intimidade é contrastado com o critério negativo da história cultural na abordagem buarqueana. A antropologia de Sérgio Buarque de Holanda (2014, p. 35) concebe o homem a partir da história das relações sociais, políticas e econômicas. Dessa dinâmica cultural formam-se tipologias psicológicas que caracterizam o indivíduo, uma sociedade e um povo. O estudo antropológico dá-se com a história cultural das formas de convívio, instituições e ideias. Nesse caso, a antropologia cultural averigua a interrelação dos costumes e das instituições, através da tipologia weberiana de contrários ideais, para a caracterização relacional do homem e da



sociedade representada no conceito de cordialidade. A história cultural encontra-se com a história social. Então, a ênfase na esfera pública sobrepõe-se à esfera privada de modo que a teoria política deve partir de um estudo antropológico para voltar-se a uma reflexão ética.

As teorias de Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda, ainda que se diferenciem pelas abordagens genealógica e comparativa, elencam o mesmo objeto antropológico, segundo conceituações correspondentes, mas por critérios diferentes, para objetivos distintos, de acordo um cenário histórico-cultural, em função de interesses políticos e econômicos. A repercussão ético-política dessas correspondências e distinções demonstram a importância de se pensar o impacto que exercem as relações interpessoais na vida pública da sociedade. A proeminência do aspecto da personalidade, da intimidade, da familiaridade, do afeto nas relações sociais, tanto no cotidiano quanto nas instituições, está no sentido antropológico dos conceitos mulato e cordialidade que justifica as teorias freyreana e buarqueana. Essa ênfase da esfera privada, expressa pela correspondência das conceituações, recebe valorizações opostas conforme os distintos objetivos. Por estes, o antagonismo dessas teorias torna ambivalente a concepção histórica da primazia das relações interpessoais no espaço público.

Para a teoria freyreana, a ênfase da esfera privada na primazia das relações interpessoais recebe valores positivos que singularizam uma sociedade cujos conflitos de interesses são temporizados na política. Esta perspectiva ético-política, para Gilberto Freyre, ocorre no período de equilíbrio entre as tendências coletivista e individualista, e realça traços comportamentais peculiares condizentes com a simpatia do mulato, como e.g.: “o talento político de temporização. O jurídico, de harmonização. A capacidade de imitar o estrangeiro e de assimilar-lhe os traços de cultura mais finos e não apenas os superficiais” (FREYRE, 2004, p. 126). No entanto, para a teoria buarqueana, a ênfase da esfera privada na primazia das relações interpessoais, mesmo que singularize uma sociedade, recebe valores negativos que destacam contradições irresolutas para a política. Nesta perspectiva ético-política, para Sérgio Buarque de Holanda (2014, p. 219), a vida pública esconde na aparência sua “incompatibilidade absoluta com os ideais democráticos”, acentuada por “zonas de confluência e simpatia”, cujos fundamentos personalistas precisam ser liquidados.



Com a compreensão dessa ambivalência da primazia das relações interpessoais na vida pública, pelo antagonismo teórico, as repercussões ético-políticas complementam-se na invalidade recíproca. Incompletando-se, a relativização dessas duas teorias clássicas obscurece o pensamento ético e político enquanto teorias das esferas do privado e do público. Todavia, como se parte da histórica imbricação público-privado, uma reflexão sobre o agir pessoal e as instituições que não considera essa configuração cultural, nem suas últimas consequências, permanece falível. Para evitar isto, mas considerando o já realizado, esvanece-se a ambivalência da esfera privada com a implosão dos conceitos mulato e cordialidade para a permanência de seu sentido antropológico na primazia do pessoal na vida pública.

Desse modo, a primazia das relações interpessoais é a expressão social da ampliação da esfera privada na imbricação público-privado. Esta imbricação, vista como um problema cultural, traz consigo a negatividade das relações interpessoais que passa a ser vista como possibilidade de se pensar a positividade histórica da ênfase da esfera privada na vida pública, o papel ativo e valorativo da personalidade e da intimidade no espaço político, a função positiva do afeto como forças nas relações de poder no domínio da política. Com isso, ainda que as teorias freyreana e buarqueana incompletem-se em suas repercussões ético-políticas, suas descrições científicas e considerações teóricas problematizam a configuração histórico-cultural de uma sociedade que carece de uma reflexão ética sobre a importância das relações interpessoais na vida pública. Além disso, pensar a política a partir dessa reflexão ética significa apresentar um modo de organizar a sociedade que possa ser reconhecido por esta mesma sociedade, i.e., um modo de ver o mundo de acordo com um modo de vida.

O critério avaliativo posiciona cada teoria em seu modo de ver o mundo, de organizar a sociedade conforme suas particularidades, ainda que em uma época cosmopolita (LEITE, 2007, p. 245). Na visão de mundo, para qualquer teoria e sociedade, a existência da ética e da política inevitavelmente faz pressupor a da antropologia. Uma antropologia historicamente compartilhada através da cultura, seja pela tradição seja pela resistência, pelo cotidiano das relações público-privadas de uma sociedade, demarca um modo de vida. Com isso, os discursos racial, ambiental e psicológico, que fazem parte das teorias nacionalistas e dos estudos do caráter nacional, são tidos “apenas como um obstáculo no processo pelo qual uma nação surge entre as outras, ou pelo qual um povo livre surge na História” (*Id.* 1976, p. 329).

Para Dante Moreira Leite, o cosmopolitismo do século XX teria por consequência a inexistência do compartilhamento cotidiano de valores e sentidos por uma sociedade mundial. Seu relativismo metodológico não leva em conta uma universalidade teórica, e considera a relativização dos critérios avaliativos entre teorias, sem a possibilidade de domínio de um critério sobre o outro, de uma teoria sobre outra, mas com uma tendência histórica para a semelhança de povos e sociedades diferentes (*Id.* 2007, p. 245). Talvez esta tendência queira dizer mesmo da relação de poder de influência entre teorias, uma relação de subordinação ou de dependência a uma ideologia dominante, de dominação entre critérios avaliativos. Ao relativismo metodológico, as relações de poder indicam o real contraditório.

Doravante, o relativismo torna-se a condição agônica entre visões de mundo mas, nesse caso, subjacentes à etnocêntrica ocidental. Na relação de dominação com as teorias freyreana e buarqueana, a primeira está negativada e a segunda, em positividade, enquanto que na relação entre as duas teorias, em referência a uma mesma sociedade, a freyreana está positivada e a buarqueana em negatividade. Este antagonismo teórico reflete na distinção de abordagens e critérios, e, tendo em vista o que nelas há em comum, a influência da pessoa na vida pública, o antagonismo expressa-se na ambivalência das



relações interpessoais. É esta ambivalência pensada nas repercussões ético-políticas que torna compreensível o antagonismo das teorias freyreana e buarqueana.

Com um mesmo sentido antropológico, ainda que por critérios distintos, Gilberto Freyre discute as relações cotidianas na descrição da sociedade para pensar o contexto político da época, e Sérgio Buarque de Holanda problematiza a vida política e institucional na descrição da sociedade para pensar as relações sociais. A distinção de abordagens posiciona as teorias com o privilégio da ética, pela freyreana, e com o da política, pela buarqueana. Na primeira, a política é pensada a partir da ética e, na segunda, a ética é pensada a partir da política. Porém, como se tratam de teorias sociológicas, o antagonismo teórico, atravessado pela ambivalência, duplica a idiossincrasia antropológica da personalidade, da afetividade, do corpo. Enaltece-a a teoria freyreana, a buarqueana despreza-a. A positividade freyreana reside na simpatia do mulato e a negatividade buarqueana está na cordialidade.

Desse sentido antropológico, a correspondência histórica com a primazia do pessoal na vida pública está ligada com a configuração cultural da imbricação das esferas do público e do privado. Um sentido compartilhado em uma determinada sociedade, conceituado ora positivamente ora negativamente, mas desconsiderado em suas repercussões ético-políticas. Dito isto, nosso estudo direciona-se à investigação de uma concepção antropológica, de características histórico-culturais, de acordo com uma determinada sociedade, cujo sentido está na primazia do pessoal na vida pública, para ser referência a um pensamento ético para se pensar uma política.

Considerações Finais

O problema cultural estudado encontra-se na imbricação público-privado, apresentada pelos vieses: histórico, que flagra a não distinção e inversão das duas esferas da vida, portanto a imbricação público-privado (Fernando Novais); sociológico, que expressa a vigência da ampliação ou da ênfase da esfera privada em detrimento da esfera pública (Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda); e antropológico, que marca a importância da função do pessoal na vida pública. Para a compreensão desse problema, relativizou-se as clássicas teorias freyreana e buarqueana para se considerar as questões: a relação de dominação dessas duas teorias com a etnocêntrica ocidental; o antagonismo ideológico das teorias freyreana e buarqueana, em torno do sentido antropológico do conceito mulato e cordialidade; e a ambivalência das relações interpessoais devido à contraposição das repercussões éticas e políticas. Esta ambivalência é possível através do sentido antropológico, referido a uma mesma sociedade, tratado por critérios e abordagens distintos.

Na tentativa de se pensar o problema cultural da imbricação público-privado, o primeiro passo é não o considerar mais um problema e, sim, considerá-lo, e.g., um estudo de caso para a elaboração de outra perspectiva sem fosso entre a vida privada e a pública. Desse modo, a interrelação público-privado, não pressupõe uma delimitação de domínios,



ainda que interdependentes, mas indica a correspondência entre a vida privada e a pública. A ética possui uma dimensão institucional e o pensamento político, uma dimensão ética, que, para uma justificação filosófica de sua articulação, pressupõem uma concepção antropológica. Por isso, pensar o sentido antropológico, composto pela história cultural de uma determinada sociedade, também é considerar a importância das práticas cotidianas e da organização institucional da sociedade. Portanto, conceber uma antropologia para se pensar a ética e a política.

Nesse sentido, tendo em vista o viés da psicologia social de Contardo Calligaris, apresentado na introdução, o problema cultural estende-se em um conflito existencial, presente na relação de poder entre as posições subjetivas colono e colonizador, devido ao fracasso da função paterna do significante nacional na constituição do sujeito. Daí, o que se estabelece é um acordo tácito que expressa uma o impacto da ênfase das relações interpessoais em sociedade. Contudo, esse acordo não garante nem uma constituição sólida do sujeito nem a função simbólica das instituições, o que faz reverberar conflitos ético-políticos, através do eterno retorno da frustração pessoal e do fracasso institucional, em torno da desconsideração de uma concepção antropológica.

A teoria elaborada por Calligaris, mesmo em tom memorialista, levanta o questionamento sobre qual sentido antropológico está submetido na função paterna da autoridade na vida pública e, a partir daí, sobre qual investimento cultural resolveria os problemas decorrentes do agir pessoal nas relações sociais. Todavia, sua abordagem, o lugar de onde pronuncia, dá-se negativamente tal como a teoria buarqueana. Seus relatos de experiências antropológicas estão em função de um discurso que privilegia a perspectiva política segundo uma organização institucional para a constituição do sujeito. Mas este sujeito está referido a uma concepção antropológica, na qual os critérios pertencem a uma visão de mundo etnocêntrica ocidental, que não reputa as peculiaridades histórico-culturais das sociedades. Portanto, é quando se tem por referência o sentido antropológico compartilhado cotidianamente que se pode compreender a interrelação antropologia, ética e política em uma sociedade.



REFERÊNCIAS

BEZERRA, Elvia. **Ribeiro Couto: cadeira 26, ocupante 4**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2010.

CALLIGARIS, Contardo. **Hello Brasil!: notas de um psicanalista europeu viajando ao Brasil**. São Paulo: Escuta, 1991.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 51. Ed. Rev. São Paulo: Global, 2006.

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado e desenvolvimento do urbano**. 15. Ed. Rev. São Paulo: Global, 2004.

HOLANDA. Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 27. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

LEITE, Dante Moreira. Teorias recentes sobre o caráter nacional. In: **O amor romântico e outros temas**. 3. Ed. Rev. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

LEITE, Dante Moreira. **O caráter nacional do brasileiro: história de uma ideologia**. 3. Ed. São Paulo: Pioneira Editora, 1976.

NOVAIS, Fernando A. Condições da privacidade na colônia. In: MELLO, Laura de (Org.). **A história da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

VAINFAS, Ronaldo. Moralidades brasílicas: deleites sexuais e linguagem erótica na sociedade escravista. In: MELLO, Laura de (Org.). **A história da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.



OLIVEIRA, David Barroso de. O pessoal na vida pública: o que há entre Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda. **Kalagatos**, Fortaleza, v. 14, n. 2, 2017, p. 325-338.

Recebido: abril de 2017.

Aprovado: julho de 2017.